

TAVARES, V. R. S. Que país é esse?: o enquadramento figurado de “Brasil” nos enunciados do programa Brasil Urgente. *ReVEL*, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

Que país é esse?: o enquadramento figurado de “Brasil” nos enunciados do programa Brasil Urgente

Vinícius da Rosa da Silva Tavares¹

vinicius.tavares@ufrgs.br

RESUMO: O presente artigo investiga o enquadramento discursivo do termo “Brasil” no programa Brasil Urgente, apresentado por José Luiz Datena, com foco nas conceitualizações figuradas utilizadas para representar a nação. Baseado na Linguística Cognitiva, em especial nas teorias de metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 2003), semântica de frames (Fillmore, 2009), e análise crítica da metáfora (Charteris-Black, 2004; Musolff, 2012), o estudo analisa 56 amostras de episódios transmitidos em 2022, categorizando os usos de “Brasil” como literais, metafóricos, metonímicos ou metaftonímicos. Os resultados mostram que o país é frequentemente representado de forma negativa, com ênfase na ineficiência das instituições públicas, sobretudo na segurança e administração governamental. Os mapeamentos mais recorrentes incluem metáforas como “Brasil como contêiner”, “Brasil personificado” e “nação como corpo humano”, esta última utilizada para descrever o crime organizado como um “câncer” a ser removido. As metonímias, muitas vezes subespecificadas, permitem generalizações e flexibilidades interpretativas no discurso. O estudo também identifica que o programa reforça uma narrativa de inferioridade nacional, alinhada ao conceito de “complexo de vira-latas”, ao contrastar negativamente o Brasil com outros países. Conclui-se que o enquadramento figurado de “Brasil” no Brasil Urgente constrói uma percepção de fragilidade nacional, influenciada por ideologias subjacentes que enfatizam falhas institucionais enquanto exaltam certos valores, como o trabalho policial e o potencial turístico. Essa análise contribui para a compreensão de como o discurso midiático induz a percepção pública da identidade nacional e legítima determinadas visões ideológicas.

PALAVRAS-CHAVE: personificação; metáfora conceitual; nação como corpo humano; análise crítica da metáfora.

ABSTRACT: This article investigates the discursive framing of the term "Brazil" in the TV program Brasil Urgente, hosted by José Luiz Datena, focusing on the figurative conceptualizations used to represent the nation. Grounded in Cognitive Linguistics, particularly the theories of conceptual metaphor (Lakoff e Johnson, 2003), frame semantics (Fillmore, 2009), and critical metaphor analysis (Charteris-Black, 2004; Musolff, 2012), the study analyzes a sample of 56 entries from six episodes aired in 2022, categorizing the uses of "Brazil" as literal, metaphorical, metonymic, or metaphonymic. The results indicate that the country is frequently represented negatively, with an emphasis on the inefficiency of public institutions, particularly in security and government administration. The most recurrent mappings include metaphors such as "nation is container", "personification", and "the nation as a human body," the latter used to depict organized crime as a "cancer" to be removed. Metonymies, often underspecified, allow for generalizations and interpretative flexibility within the discourse. The study also identifies that the program reinforces a narrative of national inferiority by negatively contrasting Brazil with other countries. It concludes that the figurative framing of "Brazil" in Brasil Urgente constructs a perception of national fragility, influenced by underlying ideologies that emphasize institutional failures while extolling certain values, such as police work and tourism potential. This analysis contributes to understanding how media discourse leads public perceptions of national identity and legitimizes specific ideological perspectives.

KEYWORDS: personification, conceptual metaphor, nation as human body, critical metaphor analysis

¹ Doutorando; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Introdução

Convido-vos a imaginar a seguinte situação: durante um programa brasileiro de telejornalismo policial vespertino, em uma reportagem sobre uma abordagem policial nos Estados Unidos, o apresentador destaca, com elogios, o trabalho da polícia norteamericana. Os policiais são bem capacitados e rígidos; a operação é séria e eficiente; o bandido não consegue fugir pois não tem chances. Em outra reportagem, no mesmo programa, o apresentador conta um caso criminal brasileiro. Dessa vez, porém, ao anunciar o caso, ele se aproxima da câmera e comenta, com tom de humor, para o telespectador: “olha esse caso, o brasileiro precisa ser estudado pela NASA”, dando a entender que o caso seguinte seria tão esquisito que apenas uma agência científica de alto investimento seria capaz de explicar.

Estabelece-se, assim, um tom de que os Estados Unidos é um país sério, enquanto o Brasil, não. Lá, as ações policiais são levadas a sério; aqui, são motivo de deboche, e as pessoas precisariam ser estudadas cientificamente. E essa crítica não é exclusiva do programa, muito menos do gênero do telejornal policial. O discurso de que o Brasil está em uma posição inferior em relação aos países do norte global parece estar disseminado popularmente.

Esse sentimento não é algo recente, em 1958, às vésperas da Copa do Mundo da FIFA, o dramaturgo Nelson Rodrigues descreveu essa atitude como “complexo de viralatas” para nomear “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (Rodrigues, 1993: 52). No contexto, Nelson Rodrigues se referia especificamente ao pessimismo dos brasileiros em relação ao desempenho da sua seleção de futebol na Copa que estava por vir naquele ano.

Ainda que o termo tenha sido inicialmente usado no âmbito do futebol, podemos observar que esse sentimento ocorre nos mais diversos contextos, tais como ciência, educação, arte, e política. Para ilustrar com um exemplo em educação, em um texto de Cláudio de Moura Castro (2002) na revista *Veja*, “O Brasil lê mal”, o autor destaca que apenas 1% dos brasileiros de elite da época conseguiam ler e “compreender perfeitamente” um texto, comparado aos 6% da Coreia e aos 13% dos EUA. O destaque, na reportagem, é em espantar o leitor em relação ao Brasil, mas os Estados Unidos, usado na comparação, tem uma mísera porcentagem de 13% de leitores “perfeitamente” capacitados. É o Brasil, especificamente, que lê mal? A maneira como a reportagem apresenta a questão coloca em destaque o mal desempenho do nosso país

e esconde o mal desempenho dos países do norte global, e isso pode ser relacionado ao efeito do “complexo de vira-latas” descrito por Nelson Rodrigues, que se manifesta até hoje na nossa cultura.

Ao assistir ao programa, enquanto brasileiro, não pude deixar de me perguntar: será que **eu** preciso ser estudado pela NASA? Afinal de contas, quais são os brasileiros a quem o repórter se refere? Essa pergunta inspirou a investigação do presente artigo. Em primeiro lugar, nos programas de telejornal policial, qual parte do Brasil está sendo retratada pela palavra “Brasil”? Será que é uma classe social específica? Será que é a classe política? Será que era apenas uma crítica ampla, que englobasse vários conceitos ao mesmo tempo? Essas questões surgem porque “Brasil” está, aqui, sendo usado como uma metonímia: um fenômeno da linguagem e do pensamento em que um termo é usado para prover acesso a um outro conceito-alvo, ao qual é relacionado (Littlemore, 2015). Por exemplo, em “O Brasil lê mal”, o termo “Brasil” é um veículo cognitivo para o conceito “brasileiros”: os brasileiros leem mal. O veículo e o conceito-alvo são aproximados cognitivamente através das nossas experiências culturais e corpóreas. Essa questão será explorada com mais profundidade na seção 1. Teoria da Metáfora Conceitual.

Porém, apenas o fenômeno da metonímia não é o bastante para explicar as questões levantadas aqui sobre o complexo de vira-latas. A maneira como o Brasil é enquadrado (“framed”) nesses programas parece o colocar em uma perspectiva negativa em relação aos países do norte global. Portanto, mostra-se importante investigar esse enquadramento (“framing”) se quisermos ter uma visão mais ampla do que motiva o complexo de vira-latas. Essa questão será explorada com mais profundidade na seção 3. “frames”.

A perspectiva adotada aqui é a da Linguística Cognitiva, em que as coisas do mundo não são diretamente acessadas pelos sentidos humanos, mas semiotizadas em conceitos através da interação humana com elas, tanto corpórea quanto cultural. Esses conceitos são organizados na nossa mente em um sistema conceitual e influenciam como se fala, pensa, e age. Não há como definir a origem desses conceitos, pois o sistema se retroalimenta: interage-se com o mundo, cria-se conceitos, e esses conceitos influenciam como se dá a interação com o mundo (Winter & Matlock, 2017). Portanto, é difícil afirmar concretamente a que nível os telejornais influenciam o sistema conceitual da população, pois podem eles próprios terem sido influenciados em primeiro lugar. É possível, porém, afirmar que a repetição desses enquadramentos, na

mídia, os reforça cognitivamente (até mesmo fisicamente, com o fortalecimento das sinapses) através da repetição constante de linguagem.

Como os neurocientistas dizem, “neurônios que disparam juntos, conectam-se juntos.” A medida que o mesmo circuito é ativado dia após dia, as sinapses nos neurônios do circuito ficam mais fortes até que um circuito permanente seja formado. Isso é chamado de recrutamento neuronal (Lakoff, 2008:84)

Para esta investigação, não é relevante se o Brasil é ou não, de fato, pior que os países estrangeiros. A suposta realidade objetiva não é tão interessante aqui, e, sim, como isso se apresenta na língua, o que gera dicas de como ela se apresenta na mente (Lakoff, 2003). O que nos interessa é como, em um discurso jornalista, a nação é conceitualizada de maneira a convidar o público a pensar sobre esse conceito em termos específicos, sendo que essa conceitualização é guiada subjacentemente por uma ideologia (Charteris-Black, 2004). Além disso, ela é uma construção conceitual, um resultado aparente de um processo de enquadramento, no discurso, sobre o Brasil. O objetivo deste trabalho é investigar como se dá o enquadramento de “Brasil” no jornalismo policial: isso envolve (1) analisar as perspectivas (frames) e contextos em que “Brasil” aparece e (2) investigar quais mapeamentos (metafóricos e metonímicos) são mobilizados na sua conceitualização. O programa escolhido para formar o corpus de análise foi o Brasil Urgente por ser considerado um bom exemplo relativamente prototípico do gênero de jornalismo policial, sendo um dos programas de maior audiência da tarde, cujo apresentador (José Luiz Datena) é, também, facilmente reconhecido pelo público brasileiro. Além disso, todos os episódios estão em livre acesso no YouTube, sem precisar de assinatura de nenhum serviço.

1. Teoria da metáfora conceitual

Em 29 de Junho de 2022, durante um fórum jurídico em Lisboa, Alexandre de Moraes declarou: “o Brasil sabe manter sua democracia” (G1, 2022). A princípio, quatro leituras podem surgir desse enunciado: (a) há uma metáfora conceitual de personificação, na qual a nação é entendida como uma pessoa com consciência; (b) a palavra “Brasil” pode estar sendo usada como uma metonímia de PARTE PELA PARTE; (c) há uma metonímia dentro de uma metáfora, na qual o Brasil, como metonímia, está provendo acesso a algum conceito (como as instituições, ou o povo), e

esse conceito, especificamente, está personificado e têm consciência; (d) uma leitura mais ingênua, na qual entendemos o conceito de “Brasil” como literal.

Para compreender essas leituras, é preciso delinear os conceitos de metáfora e metonímia a partir de como eles são definidos na Linguística Cognitiva (LC). A LC é um arcabouço teórico de grande interesse para o estudo da linguagem figurada, pois ela expande teoricamente os conceitos desses fenômenos. Diferentemente das epistemologias tradicionais, que os definiam como meras figuras de linguagem utilizadas na arte e na retórica, as metáforas e metonímias na Linguística Cognitiva foram promovidas a um status cognitivo com o lançamento do livro “Metaphors We Live By” (2003 [1980]), de Lakoff e Johnson. Isso significa dizer que essas figuras, que antes eram consideradas apenas artifícios da linguagem, são hoje vistas como ferramentas cognitivas. Como o nome do livro sugere, a metáfora tem um papel primário na maneira como os humanos vivem, então ela será a primeira a ser abordada nesse trabalho. Em seguida, a atenção será direcionada à metonímia, e, por fim, às interações entre as duas.

1.1 Metáfora

Para a Linguística Cognitiva (LC), os humanos entendem o mundo a partir dos conceitos que criam dele. No mundo, o homem entra em contato com diversos estímulos perceptíveis pelo seu corpo, e, a partir desses estímulos, desenvolve seu sistema conceitual, que é justamente o que o nome exprime: um sistema de conceitos sobre o mundo (Evans; Green, 2006). Porém, há experiências mais complexas na vivência humana que não são possíveis de perceber amplamente apenas com os sentidos. Conceitos tais como dificuldade, argumentação, memória, etc. são mais abstratos que conceitos físicos como leve/pesado, luta, contêiner, etc. Esses conceitos são organizados em domínios de experiência: em outras palavras, os aspectos relevantes de uma experiência corpórea são organizados dentro de domínios mentais. É possível compreender e falar sobre esses conceitos mais abstratos porque o cérebro os mapeia metaforicamente a conceitos mais concretos no nosso sistema conceitual. Fazemos uso de um domínio-fonte (normalmente de experiência mais concreta) para mapear aspectos dele em um domínio-alvo (mais abstrato): uma das maneiras como se entende DIFICULDADE é em termos de PESO (ex.: “a leitura desse texto foi bem **leve**, consegui ler rapidinho”); ARGUMENTAÇÃO em termos de guerra GUERRA (ex.:

“ele **me atacou** por causa das minhas opiniões”); MEMÓRIA em termos de CONTÊINER (ex.: “isso não pode **sair da** minha memória”).

Esses mapeamentos metafóricos estão no nível cognitivo, são estratégias cognitivas das quais a mente humana faz uso para entender conceitos mais complexos aos quais os nossos sentidos físicos não têm acesso direto. Além do nível cognitivo, Lakoff e Johnson (2003) também dizem que a língua faz uso do mesmo sistema conceitual que a mente, o que acarreta em atualizações linguísticas desses mapeamentos cognitivos. O mapeamento RAIVA É CALOR, por exemplo, apesar de encontrar-se no nível cognitivo, atualiza-se na linguagem quando se chama uma pessoa que se irrita facilmente de “esquentadinha” ou “cabeça quente”. A língua fornece evidências de como o sistema conceitual é organizado, e o que Lakoff e Johnson perceberam, através de exemplos típicos de uso linguístico, é que esse sistema é metafórico por natureza (2003). A maneira como os humanos falam, até mesmo quando usam linguagem literal, demonstra que há uma conceitualização metafórica por trás de como entendem e se relacionam com o mundo. Veja os seguintes exemplos:

- (i.1) Teus argumentos têm um ponto fraco.
- (i.2) Ele destruiu o outro na argumentação.
- (i.3) Eu sempre perco as discussões com a minha mãe.
- (i.4) Com esses argumentos, não dá para te defender.

Não há nada de extraordinário, ou artístico, em falar de “pontos fracos” em argumentos, ou dizer que um indivíduo “destruiu”, “macetou”, “arrebentou” o outro em uma discussão. Esses exemplos são evidências linguísticas de que o conceito de ARGUMENTAÇÃO pode ser metaforicamente estruturado, pelo menos parcialmente, a partir do conceito de GUERRA. Lakoff e Johnson (2003) destacam que não só se fala de argumentação em termos de guerra, mas também é comum **se relacionar** com argumentações como se elas fossem batalhas: as pessoas atacam as posições dos outros, defendem as suas próprias, bolam estratégias, melhoram sua posição, etc. A experiência humana, culturalmente construída, corporificada, é de que argumentações **são** batalhas (guerra, nos termos do mapeamento).

Segue-se, portanto, que a metáfora conceitual ARGUMENTAÇÃO É GUERRA não é um mapeamento arbitrário, ele tem uma base experiencial. É a partir da experiência humana que esse mapeamento surge no sistema conceitual, e é a partir desse sistema que a língua se organiza. São as experiências corpóreas e culturais que organizam o sistema. É possível imaginar uma cultura que experimentasse a

argumentação como algo colaborativo, na qual os indivíduos estariam trabalhando juntos para chegar à melhor conclusão lógica. Tal cultura poderia conceitualizar argumentação como outra coisa que não uma batalha ou, como Lakoff e Johnson (2003) exemplificam, uma cultura poderia ver a beleza estética de uma argumentação, e, assim, conceitualizá-la em termos de dança.

Um tipo de metáfora particularmente importante para o presente trabalho é a Personificação (os exemplos a seguir foram adaptados de Lakoff e Johnson, 2003: 33):

(ii.1) Essa teoria me explicou o comportamento das galinhas.

(ii.2) A vida me traiu.

(ii.3) A inflação está comendo nossos lucros.

(ii.4) A religião dele não deixa ele beber.

Não só conceitos não-humanos estão sendo tratados como humanos, como também a eles estão sendo atribuídos papéis humanos. No primeiro exemplo, o mapeamento não é apenas TEORIAS SÃO PESSOAS, a teoria é colocada como uma ensinadora; no segundo, a vida é alguém que deveria ser uma aliada; no terceiro, a inflação é uma adversária; no quarto, a religião é uma autoridade. Isso faz da personificação uma categoria superordenada de metáforas que ressalta diferentes aspectos de uma pessoa e os projeta em um conceito não-humano. Retomando o exemplo do início da seção, “o Brasil sabe manter sua democracia”, é possível entender a leitura apresentada em (a), em que o país estaria personificado, com características humanas de uma pessoa consciente da sua condição democrática.

1.2 Metonímia

A metonímia, assim como a metáfora, também é um fenômeno que organiza o sistema conceitual. Embora ela provavelmente seja ainda mais pervasiva do que a metáfora (Ibáñez, 2002), a metonímia por muito tempo recebeu pouca atenção dos estudos em LC, sendo chamada, por esse motivo, por Gibbs e Colston (2012: 156, tradução própria²) de o “primo pobre da metáfora”. Apesar disso, a importância da metonímia é inegável, cumprindo um papel importante na categorização, um dos processos cognitivos mais básicos.

No campo da LC, “a metonímia é uma figura de linguagem e de pensamento na qual uma entidade é usada para se referir, ou, em termos cognitivos, “prover acesso”,

² No original: “poor second cousin to metaphor”

a outra entidade a qual é relacionada” (Littlemore, 2015: 4, tradução própria³). Para maior esclarecimento, podemos pensar no seguinte exemplo:

(iii) Neste domingo, o Brasil irá decidir quem governará pelos próximos quatro anos.

A palavra “Brasil” nessa frase evoca uma rede de conceitos relacionados, que podem ser chamados de frames, conceito que será elaborado nas seções seguintes. A partir dessa rede, sabe-se que o Brasil é uma região geográfica em que pessoas vivem e que essas pessoas têm o poder de opinar sobre o seu próximo governante. Assim, usa-se esse conhecimento para inferir que não é a região geográfica em si que decidirá sobre o governo, mas seus habitantes. Nesse caso, trata-se de uma metonímia de NAÇÃO PELOS HABITANTES, em que se usa o nome da nação (Brasil) para prover acesso cognitivo aos habitantes dessa nação (brasileiros). Veja outro exemplo:

(iv) O Brasil deveria investir mais em educação.

Novamente, para entender essa frase, é preciso mobilizar um tipo de conhecimento sobre o Brasil, dessa vez salientando que nele há instituições políticas com o poder de escolha sobre o orçamento público, de modo que é possível inferir que aqueles responsáveis por tais instituições, e não a região geográfica, deveriam investir em educação. Nesse caso, trata-se de uma metonímia de NAÇÃO PELAS INSTITUIÇÕES, em que o nome da nação é usado para prover acesso cognitivo às instituições políticas dessa nação.

Isso é possível pois a unidade lexical “Brasil” evoca um frame construído coletivamente, uma estrutura de conhecimento lexical e conceitual. Um possível frame evocado pela palavra “Brasil” envolve seus habitantes, suas instituições políticas, seus governantes, suas seleções esportivas, seus artistas de destaque, etc.

Para definir metonímia, convém diferenciá-la da metáfora, com a qual é comumente aproximada e, muitas vezes, confundida. Ambas cumprem importante função na organização do nosso sistema conceitual, mas tratam de fenômenos cognitivos distintos. A metáfora é uma maneira de conceitualizar uma entidade **em termos de** outra entidade. A metonímia, por sua vez, serve uma função mais referencial (com outros efeitos discursivos envolvidos, como será abordado ao longo do trabalho). Um conceito é usado **como um veículo para** outro conceito. No exemplo (iii) acima, a palavra “Brasil” é um veículo para os habitantes do Brasil, e ela

³ No original: “Metonymy is a figure of language and thought in which one entity is used to refer to, or in cognitive linguistic terms ‘provide access to’, another entity to which it is somehow related.”

pode ser usada para acessar outros conceitos dentro do mesmo domínio, como as instituições do país, no exemplo (iv).

As relações metonímicas entre o veículo (Brasil) e o conceito-alvo (seus habitantes, suas instituições, etc.) são de contiguidade experiencial. Ou seja, é possível usar um termo pelo outro porque eles são aproximados (contíguos) na experiência humana. Por isso diz-se que a metonímia trata da relação entre dois conceitos dentro de um mesmo domínio, diferentemente da metáfora, em que um domínio é conceitualizado em termos de outro (Ibáñez, 2002).

Vale ressaltar que esses veículos não são escolhidos à toa, eles são utilizados por diversos motivos, cognitivos e pragmáticos, seja para facilitar o acesso cognitivo a um conceito, para produzir vagueza, por economia linguística, para ressaltar algum aspecto do frame, etc. Por exemplo, em “precisamos de mais **cabeças** para trabalhar no nosso projeto”, usa-se “cabeças” para referir-se a “pessoas”, uma típica metonímia de PARTE PELO TODO. Mas a escolha da parte, “cabeças”, para representar o todo, “pessoas”, não é acidental: o projeto em questão provavelmente requer atividade **mental** para ser realizado. Em uma situação na qual o projeto precisasse de atividade **física**, seria mais usual utilizar outra palavra como veículo, e um falante provavelmente preferiria dizer: “precisamos de mais **braços** para trabalhar no nosso projeto.”

A escolha dos veículos costuma seguir vários princípios que são guiados pelas experiências cotidianas das pessoas com o mundo: a maneira como o corpo interage com o mundo físico; as coisas que se destacam na percepção devido à maneira como o cérebro funciona; e coisas que as pessoas aprendem a prestar atenção por causa da cultura em que crescem (Littlemore, 2015). A categorização clássica de metonímias as separa principalmente em PARTE E PARTE e PARTE E TODO (Radden; Kövecses, 1999), mas recentemente novas categorizações surgiram para incluir exemplos menos prototípicos de metonímia. Uma categoria especialmente interessante é a de Handl (2011), que propõe que há metonímias subespecificadas, em que mais de um conceito está sendo acessado pelo veículo, como se o veículo fosse um contêiner que carregasse os conceitos-alvos em si. Em “os ônibus estão parados devido à greve”, a expressão “os ônibus” pode acessar tanto os seus motoristas quanto os veículos em si.

No caso da palavra “Brasil”, é possível que ela possa funcionar tanto como uma metonímia mais típica quanto como uma metonímia subespecificada. Nos exemplos (iii) e (iv), percebemos uma função mais referencial na qual a palavra veículo aponta

para um referente mais claro: seus habitantes e suas instituições políticas, respectivamente. Já no enunciado de Alexandre de Moraes, apresentado no começo da seção, “o Brasil sabe manter sua democracia”, pensando na leitura apresentada em (b), é possível perceber uma subespecificação do referente. Uma interpretação é que a palavra “Brasil” é entendida como um contêiner em que seus habitantes, suas instituições políticas e judiciais etc. funcionam como uma unidade única. É de interesse deste trabalho investigar se essa subespecificação é comum na conceitualização de “Brasil”.

1.3 Interações entre metáfora e metonímia

Os dois fenômenos, embora diferentes, podem interagir. Diversos autores, desde a publicação de *Metaphors We Live By*, têm explorado as diferentes maneiras como essa interação ocorre. Para este trabalho, interessa-nos a análise de Goossens (1990), que primeiro propôs o termo “metaftonímia” para quatro situações em que metáforas e metonímias se entrelaçam, das quais para este trabalho importam duas:

(a) metáfora advinda de metonímia (“metaphor from metonymy”). Trata-se dos casos em que uma relação entre dois conceitos pode ser lida tanto como uma intersecção de domínios distintos quanto como uma relação dentro do mesmo domínio. Ex.: “Ela riu: ‘oh, é mesmo, eu tinha me esquecido’”. É possível entender que ela disse enquanto ria (metonímia), ou que ela disse como se estivesse rindo (metáfora). De qualquer maneira, é inegável que há uma ligação entre as duas interpretações.

(b) metonímia dentro de metáfora (“metonymy within metaphor”), em que o conceito a ser mapeado em outro domínio é metonímico. Por exemplo, em “o Brasil está cansado da corrupção”, há uma metáfora NAÇÃO É PESSOA, uma personificação de “Brasil”, que por sua vez, está sendo usado como veículo metonímico pelos seus habitantes. A figura 1 esquematiza uma relação de metonímia dentro de metáfora, a partir do exemplo “o Brasil está cansado da corrupção”.

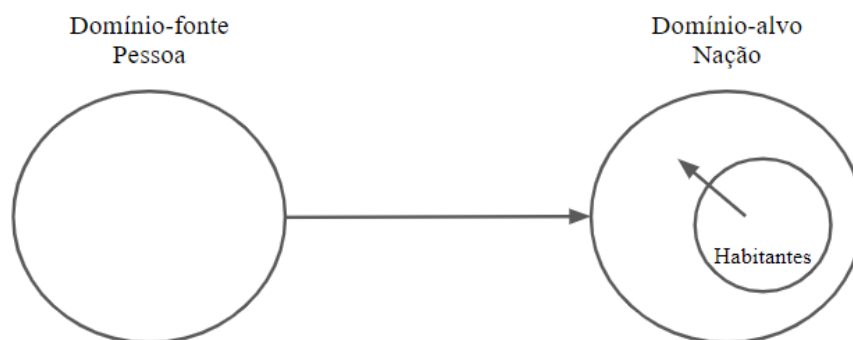


Figura 1 – Metonímia dentro de metáfora: Brasil
 Fonte: elaboração própria.

Voltando novamente ao exemplo citado no início da seção: “o Brasil sabe manter sua democracia.” É possível interpretar o exemplo pela leitura (c), em que há uma metonímia dentro de metáfora. Ao mesmo tempo em que “Brasil” está sendo entendido em termos de pessoa, é um (ou mais) conceito(s) relacionado(s) a “Brasil” que está(o) sendo acessado(s). Esse enunciado pode estar acessando o conceito do povo brasileiro, ou as suas instituições políticas e judiciais, ou até ambos. A única diferença entre esse exemplo e aquele ilustrado pela figura 1 é que o conceito que está sendo acessado pela palavra-veículo, “Brasil”, é indeterminado, ou subespecificado.

Essa aparenta ser a interpretação mais plausível dentre as quatro possibilidades apresentadas no começo da seção. Ao invés de uma leitura que isole apenas o sentido metafórico ou metonímico, o enunciado de Alexandre de Moraes está falando do Brasil personificado em termos de uma pessoa com consciência, ao mesmo tempo em que refere-se a algum outro conceito, como as instituições políticas ou o povo brasileiro, relacionado ao sentido de “Brasil”.

É importante lembrar, novamente, que a metáfora de personificação é uma metáfora guarda-chuva, que dá aspectos humanos a coisas inumanas, mas que não se trata apenas de uma metáfora de “X É PESSOA”, mas algo mais específico como “X É INIMIGO”, “X É ALIADO”, “X É VÍTIMA”, etc. No caso do exemplo acima, Brasil é uma pessoa desamparada, talvez em perigo, que precisa de ajuda. Isso é uma maneira de enquadrar o Brasil dentro de um discurso, elegendo as metáforas apropriadas com o enquadre (frame). Na próxima seção, serão aprofundados o conceito de frame dentro da Linguística Cognitiva e como ele se relaciona com a construção de Brasil.

2. Frames

A semântica de frames é uma proposta dentro da Linguística Cognitiva que

[...] proporciona uma perspectiva diferente para enxergar os significados das palavras, assim como para caracterizar os princípios usados na criação de novas palavras e sintagmas, acrescentar sentidos novos às palavras e combinar os significados dos elementos de um texto a fim de se chegar ao seu sentido final (Fillmore, 2009: 25).

Na semântica de frames, assume-se que as palavras adquirem seus sentidos por estarem dentro de um contexto cultural. Ou seja, há certas informações sobre uma categoria que não vêm encapsuladas na sua definição, e dependem de um entendimento cultural. É possível pensar no frame evocado pela palavra “Brasil”. Há vários sentidos acarretados a essa categoria que vão além da sua própria definição. Imagine o seguinte diálogo em uma fila de atendimento de algum serviço público:

(v) A: Que fila demorada...

B: Brasil, né?

O fato de que nós conseguimos atribuir sentido ao enunciado do falante B serve como evidência de que há todo um conhecimento cultural que é evocado pela categoria “Brasil” além da sua definição. Não há nada na definição da palavra Brasil que diga alguma coisa sobre filas, mas há certos elementos que são aproximados de “Brasil” nas nossas interações sociais que adicionam informação ao frame de “Brasil”. A informação e o nosso conhecimento enciclopédico, construído ao longo da nossa vida, fazem parte do frame evocado pela palavra “Brasil”.

A partir da teoria de Fillmore (2009: 34), um frame “é um sistema de categorias estruturado de acordo com um determinado contexto motivador”. Cada palavra evoca um número de categorias de experiências do falante que não necessariamente está incorporado na definição da palavra em si. Fillmore (2009) exemplifica essa questão com o domínio “evento comercial”, em que os verbos “vender”, “comprar” e “gastar” evocam outros elementos do mesmo domínio (comprador, vendedor, dinheiro, mercadoria etc.), cada um focando em elementos específicos.

Aqui, mais uma vez, a descrição visava a argumentar que não se pode dizer que alguém entenda os significados desses verbos sem que conheça os detalhes do tipo de cena que propiciou o contexto ou a motivação das categorias que tais palavras representam (Fillmore, 2009: 31).

O framing, ou enquadramento, é a nossa escolha, no discurso, de palavras para perspectivar uma certa cena. Por exemplo, em inglês, há as palavras “ground” e “land” para referir ao território terrestre, sendo que a palavra “ground” enquadra a cena de acordo com um frame vertical, em oposição a “air”, enquanto “land” a enquadra em um frame horizontal, em oposição a sea. A partir disso, é possível perspectivar, no texto, a mesma cena a partir de uma oposição com o mar ou com o céu, e induzir o nosso interlocutor a visualizá-la através dessa perspectiva.

As palavras que evocam frames em um texto revelam a multiplicidade de maneiras com que o falante ou o autor esquematizam a situação e induzem o ouvinte a construir uma tal visualização do mundo textual que motive ou explique os atos de categorização expressos pelas escolhas lexicais observadas no texto. (Fillmore, 2009: 37)

Ainda é possível pensar em outros exemplos em que as palavras escolhidas evocam frames que enquadram a cena adicionando avaliações ideológicas sobre o que está sendo falado. Por exemplo, o Projeto de Lei (PL) 2630, que exige regulação, por parte das redes sociais, dos conteúdos publicados pelos usuários, foi enquadrado como “PL das fake news” por uns, e como “PL da censura” por outros. O primeiro parte de um framing favorável ao PL, pois evoca um frame de regulação das notícias falsas, enquanto o segundo parte de um framing contrário ao PL, pois evoca um frame de autoritarismo através do controle de conteúdo postado nas redes.

A semântica de frames interage com a Teoria da Metáfora Conceitual uma vez que o framing de uma categoria pode ser figurado. Por exemplo, em 2020, quando a pandemia de Covid-19 atingiu o mundo todo, percebeu-se que ela estava sendo enquadrada metaforicamente como guerra (Wicke; Bolognesi, 2020): os profissionais da saúde eram a **linha de frente**; as máscaras e o distanciamento, as nossas **armas**; juntos nós conseguiríamos **vencer** a Covid-19, etc. O enquadramento da pandemia também envolvia metonímias, pois o nome da doença, Covid-19, também era usada comumente para referenciar o vírus, ou a pandemia como um todo.

O framing de um assunto é extremamente importante pois autoriza uma maneira de se pensar, falar, e agir sobre ele (Lakoff, 2014). Quando a reforma trabalhista foi aprovada, a mídia tratava do assunto como a “**flexibilização** das leis trabalhistas”. O uso da palavra “flexibilização” remete a um frame metafórico que supõe que as leis trabalhistas eram rígidas, duras, de difícil manuseio. Flexibilizar as leis trabalhistas, então, seria tornar o trabalho mais fácil, fluido, flexível. Já aqueles

contrários à reforma trabalhista costumam falar em “**precarização** do trabalho”. A maneira como se enquadra a reforma legitima uma certa maneira de agir, pensar, e falar sobre ela.

Voltando à questão proposta na introdução, um dos motivos que pode ter levado ao sentimento público chamado de “síndrome de vira-latas” é que o framing de “Brasil” no discurso popular e midiático acabe perspectivando o país de maneira negativa e pessimista frente aos países do norte global. Parece razoável pensar que um dos motivos desse enquadramento ser comum venha de um suposto discurso dominante da mídia. O discurso midiático sobre o Brasil pode guiar o público, através da sua legitimação, a uma maneira de pensar e agir sobre o país.

3. Virada cognitivo-discursiva

Estudos mais recentes têm se esforçado em incorporar aspectos pragmáticos e socio-discursivos nas análises de linguagem figurada, movimento teórico que Solange Vereza (2013) chamou de “virada cognitivo-discursiva”. Dentro dessa perspectiva, há uma preocupação de incluir análise discursiva na escolha de metáforas. Isso se dá pois a maneira como um assunto é enquadrado pode influenciar como ele é entendido por um público, ou seja, a escolha de metáforas ao falar de qualquer assunto produz um certo efeito persuasivo no ouvinte, que é convidado a entender o assunto nos termos do enquadramento feito pelo falante. Charteris-Black (2004: 247⁴ tradução própria) argumenta que a escolha de metáforas é muitas vezes motivada por ideologia: “as mesmas noções poderiam ter sido comunicadas usando uma metáfora diferente se a ideologia tivesse sido diferente, e as mesmas metáforas poderiam ter sido empregadas de maneiras diferentes de acordo com a perspectiva ideológica”.

O argumento de Charteris-Black (2004) é de que uma teoria mais abrangente da metáfora também deve levar em conta uma perspectiva pragmática que interpreta a escolha de metáforas em referência do seu propósito de uso dentro do seu contexto discursivo específico. Ele propõe essa perspectiva com o nome de “Análise Crítica da Metáfora”, pois alia os estudos da metáfora com a análise crítica do discurso. É importante lembrar que essa perspectiva não exclui os aspectos cognitivos da

⁴ No original: “The same notions could have been communicated using a different metaphor had the ideology been different and the same metaphors can also be employed in different ways according to ideological perspective.”

metáfora, ela argumenta que “as escolhas de metáforas podem ser governadas por considerações cognitivas, semânticas e pragmáticas e também por ideológicas, culturais e históricas.” (Charteris-Black, 2004: 248, tradução própria⁵), mais do que isso, essa perspectiva ressalta o impacto do enquadramento figurado, no discurso, no sistema conceitual através de intenções pragmáticas que são motivadas ideologicamente. Nessa abordagem, há dois tipos de recursos-base que influenciam a escolha de metáfora no discurso: (i) os recursos individuais, que incluem os aspectos cognitivos, corpóreos, experienciais; os aspectos pragmáticos, contextuais; os aspectos linguísticos, de conhecimento lexical e sistemático; e (ii) os recursos sociais, que incluem a ideologia, a cultura, e a história do falante. Esses dois recursos são mobilizados na escolha de metáfora no discurso, de modo a produzir o efeito persuasivo desejado, ou seja, de modo a convidar o ouvinte a enquadrar o assunto da mesma maneira.

Retomando a ideia central deste trabalho: é plausível pensar que as escolhas no enquadramento figurado de nação no discurso do jornalismo criminal do Brasil Urgente, em um certo nível, convidam o seu telespectador a pensar na nação de um jeito específico, com intenções ideologicamente motivadas. Dado o sentimento nacional de inferioridade, exemplificado aqui com a “síndrome de vira-latas”, vale investigar se esse enquadramento se dá favorável à nação, ou a coloca em uma posição inferior. A investigação deste trabalho se preocupa em analisar o enquadramento de “Brasil” no programa Brasil Urgente de modo a verificar os usos discursivos dessa categoria e suas conceitualizações figuradas, de modo a entender como o programa leva o seu telespectador a pensar no Brasil.

4. Método

Este estudo consiste na análise do enquadramento de “Brasil” no corpus retirado do programa Brasil Urgente. Os objetivos do trabalho são:

(1) Evidenciar as perspectivas (frames) e contextos em que “Brasil” aparece.

Hipótese 1 (H1): “Brasil” será enquadrado em uma perspectiva negativa.

A perspectivação ajuda a enquadrar conceito na nossa mente e ajuda, também, na construção dos sentidos evocados pela categoria. A hipótese aqui é de que “Brasil”

⁵ No original: “metaphor choices may be governed by cognitive and semantic and pragmatic considerations and by ideological, cultural and historical ones.”

será enquadrado negativamente, de modo a alimentar a ideia de que o Brasil é um país inferior em relação aos demais, nutrindo o sentimento da “síndrome de vira-latas”.

(2) Investigar quais mapeamentos (metafóricos e metonímicos) são mobilizados na sua conceitualização.

Hipótese 2 (H2): “Brasil” será usado majoritariamente como uma metonímia subespecificada.

O conceito de país é abstrato, a sua própria definição literal pode ser algo difícil de delimitar. Por se tratar de um programa jornalístico com foco criminal, acredita-se que o programa usará “Brasil” como metonímia subespecificada de modo a deixar o referente vago, permitido que o telespectador fique livre para decidir, por si só, o seu referente.

Para poder identificar os mapeamentos figurados, é fundamental que seja definido qual o significado literal de “nação”. Como o sistema conceitual utiliza de conceitos concretos, com uma base corpórea, para entender conceitos abstratos, o sentido literal deve ser aquele com maior base física e concreta. “Brasil” enquanto Estado, por exemplo, é considerado um conceito abstrato e que precisa de uma conceitualização figurada para ser acessado. A experiência corpórea mais básica e concreta parece ser aquela de “nação” enquanto território físico e, portanto, essa definição foi eleita neste trabalho como a leitura mais literal. Outro motivo para essa escolha é de que as outras definições se mostram relacionadas, esquematicamente, aos limites territoriais do país, como mostra o quadro 1. Por exemplo, “Brasil” enquanto Estado refere-se à organização governamental e social organizada e responsável pelo território delimitado da região física brasileira.

Conceitos abstratos	como se relacionam com	conceito concreto
Instituições políticas	que agem e são responsáveis pelas ações políticas que ocorrem no	território físico
População	que habita o	
Estado	organização governamental e social que age dentro do	
Seleções de esporte	nos campeonatos mundiais o time de jogadores que representam o	

Quadro 1: Esquema com exemplos de como conceitos abstratos se relacionam com o concreto.

O corpus do estudo foi retirado de seis episódios do programa “Brasil Urgente” de São Paulo, apresentado pelo jornalista José Luiz Datena, que são, até a data da escrita deste trabalho, disponibilizados publicamente no canal oficial do programa no site YouTube⁶. Os episódios selecionados foram os do meio do mês, dia 15 de cada mês, do primeiro semestre de 2022. Caso no dia 15 não tivesse havido transmissão de episódio, devido a fim de semana ou alguma outra peculiaridade, era escolhido o episódio da data mais próxima.

A escolha do programa se deu justamente pela facilidade de acesso ao conteúdo, disponível online gratuita e integralmente, e pela sua notoriedade no país. A edição de São Paulo foi escolhida por ser a mais popular no território nacional como um todo, e ser a edição padrão quando a operadora de televisão não distingue sua grade por estado.

Uma vez que o foco é investigar qualitativamente o enquadramento de “Brasil” no discurso do jornalista, todos os enunciados no qual a palavra Brasil é mencionada foram coletados e transcritos de modo a incluir o seu contexto. A expressão “Brasil Urgente” e o slogan do programa, “notícias do Brasil e do mundo”, não foram incluídos na amostra. Os enunciados foram separados por amostras, sendo que uma amostra pode conter múltiplas instâncias da palavra Brasil, desde que tenham sido consideradas uma repetição coesiva, como na amostra 1.3:

Que coisa, o sujeito era Francês, mesmo? Ele tava passeando no **Brasil**, morava no **Brasil**. A coisa tá tão ruim com a quadrilha de Pix que até Francês nós tamo sequestrando.

Quadro 2: Amostra 1.3.

Nenhum padrão específico de transcrição foi utilizado, e a pontuação foi feita de maneira semelhante ao adotado na escrita formal. As amostras foram catalogadas com o primeiro numeral sendo o mês correspondente, e o segundo, a ordem da amostra no mês. Por exemplo, a amostra 1.5 corresponde à quinta amostra do mês de Janeiro, a 3.2 à segunda amostra do mês de Março, e assim por diante. Ao total, foram coletadas 56 amostras. A minutagem dos trechos nos vídeos foi anotada no dia 16 de agosto de 2023, e seguem o padrão hora:minuto:segundo. Apesar da busca pelos trechos ter sido feita majoritariamente de forma manual, a transcrição automática, feita pelo YouTube e disponível em alguns vídeos, foi consultada de modo a ver se algum trecho havia

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@BrasilUrgente>

passado despercebido. As transcrições de todos os enunciados estão disponíveis no site OSF Home⁷.

Após a coleta e tabulação das 56 amostras, foi feita a tarefa de identificar se a palavra “Brasil” estava sendo usada como uma metáfora, como uma metonímia, ou de forma literal. Caso ela estivesse referenciando o território físico ela não era considerada metonímia. Caso estivesse referenciando qualquer outro conceito relacionado ao Brasil, como seus habitantes, suas instituições, suas figuras políticas, o trecho era marcado como metonímia de PARTE PELA PARTE. Caso estivesse sendo falada em termos de um outro domínio de experiência, como animais ou fenômenos da natureza, ela era considerada como metáfora. E, por fim, em casos em que o seu uso era metafórico, buscava-se identificar se o conceito era, ainda, referente ao território físico na sua totalidade, ou se era referente a algum aspecto relacionado ao território físico, como seus habitantes, o que seria o caso de uma metaftonímia.

Seria possível, ainda, demarcar metonímias de TODO PELA PARTE, em que o território todo está por uma parte do território, como na amostra 1.5 “(00:10:10) Bom, como ele mora há 7 anos no **Brasil** [...]”, em que o sujeito mora em algum lugar específico do Brasil, que não interessa ao momento e, por isso, não está sendo especificado pelo jornalista, mas essas mostram-se vagas demais para diferenciar-se suficientemente daquelas com sentido literal. Em muitos enunciados, não há como afirmar com certeza se o jornalista está referenciando apenas uma região do país ou o país todo. A amostra 3.2, por exemplo: “(01:45:00) Pra quem não tá acostumado a viajar pra fora do **Brasil**, é muito difícil você ver tanto prédio assim em qualquer cidade do mundo.” parece estar referenciando apenas o estado de São Paulo, mas essa pode ser considerada uma avaliação subjetiva. De modo a evitar esse tipo de confusão, foi tomada a decisão metodológica de evitar separar os enunciados que poderiam ser interpretados como TODO PELA PARTE daqueles que não são metonímicos, ou seja: caso “Brasil” estivesse sendo usado como território geográfico, a amostra não foi considerada metonímia.

Um dos principais desafios na categorização de “Brasil” enquanto metáfora foi o de definir quando a palavra estava sendo conceitualizada em termos de contêiner, em oposição ao uso literal. O critério escolhido para a diferenciação foi o uso da preposição “em” quando usada em sentido similar ao de “dentro de” como uma das características indicativas da metáfora do contêiner. Outras expressões que indicam

⁷ Disponível em: https://osf.io/vn8yu/?view_only=ae43e8aa269149e2a560bef1db62753e

essa metáfora incluem “fora de”, “saiu de”, etc. Caso houvesse ausência desses sinais, e nenhum outro critério acima fosse correspondido, o uso era marcado como literal.

Após a identificação de metáforas e metonímias, a segunda etapa foi especificar os mapeamentos: identificar quais domínios estavam sendo mobilizados como domínios-fonte e alvo no caso de metáfora, e como veículo ou alvo no caso de metonímia. Algumas amostras de metonímia mostraram-se indeterminadas em conceito-alvo e, portanto, seu mapeamento não foi especificado.

Por fim, o contexto de uso de “Brasil” nos enunciados foi analisado para ver como se dava seu enquadramento. Tanto os casos de linguagem figurada quanto os de linguagem literal foram analisados.

Os resultados tratam de uma análise qualitativa das amostras, uma interpretação das amostras coletadas, buscando construir um entendimento de como se dá o enquadramento de Brasil no discurso do jornalista do programa Brasil Urgente.

5. Resultados

Ao total, as 56 amostras foram categorizadas em: 14 literais, 6 metonímicas, 23 metafóricas, e 13 metaftonímias. Todos os casos metafóricos, sem interação com metonímia, foram metáfora de contêiner. Das 13 metaftonímias, 11 são metonímias dentro de metáforas: 9 de personificação, 2 de corpo humano; 2 são metáforas advindas de metonímia. A distinção entre metáforas de personificação e as de corpo humano é importante porque, enquanto a primeira dá características humanas ao conceito (possibilidade de fazer ações e ter opiniões, vontade própria, e outros aspectos da experiência humana), a segunda aponta para as reações fisiológicas de um corpo (ficar doente, precisar de tratamento, ser invadido por um vírus, ser tomado por um câncer, e outros) (Musolff, 2010).

As amostras com conceitualização metafórica (exemplos no quadro 3) utilizaram mapeamentos convencionais. O esquema de imagem do contêiner é extremamente comum para conceitualizar lugares, entendemos áreas abertas como se tivessem dentro/fora. Esses usos normalmente são marcados pela preposição “em” quando em sentido similar ao de “dentro de”. Os outros mapeamentos convencionais são NAÇÃO É PESSOA (personificação) e NAÇÃO É CORPO HUMANO. Esses já foram identificadas como importantes mecanismos para conceitualizar uma nação em outros trabalhos (Musolff, 2010 e 2012; e Pinelli, 2016). Observou-se que esses dois

mapeamentos sempre apareceram em interação com metonímias subespecificadas, de modo a ser indeterminada a identificação de qual é o conceito-alvo sendo referenciado.

Dentre as 56 amostras, 22 tinham um enquadre que ressaltava uma atuação negativa, ineficaz ou incompetente, das instituições públicas como o governo em si, planejamento urbano, saúde pública, segurança pública, etc. Uma quantidade de 16 amostras falam sobre segurança pública, o que não é surpresa, pois condiz com a temática do programa, de jornalismo criminal. Apenas três tratam de maneira positiva alguma instituição brasileira, dentre elas a imprensa, da qual o jornalista faz parte, e a polícia, com a qual ele tem parceria para entrevistas. Outras três exaltam o Brasil como um belo destino turístico. Um quantia relativamente alta de nove amostras são usadas para exaltar trabalhadores da sua emissora, como outros jornalistas e equipe técnica. Por fim, quatro foram apenas para indicar o lugar onde algum evento ocorreu. Algumas amostras foram consideradas para mais de uma categoria.

Nº	Amostra	Mapeamento
1.2	(00:04:30) Um engenheiro Francês foi sequestrado pela quadrilha do pix. Tem tanta quadrilha do pix aqui em São Paulo e no Brasil , e essa história do Pix já proporcionou gente sendo sequestrada (o sequestro já tinha desaparecido, agora voltou, inclusive o sequestro dos caras levarem o cara para cativado, apanhar muito, sofrer tortura psicológica e tudo mais) mas tão sequestrando tanta gente que até um francês foi sequestrado.	Contêiner
3.2	(01:45:00) Pra quem não tá acostumado a viajar pra fora do Brasil , é muito difícil você ver tanto prédio assim em qualquer cidade do mundo. É muito difícil. Os gringos, quando chegam aqui e vê esse monte de prédio, ficam assustados com essa situação.	Contêiner
2.6	(02:07:52) Eu prometi pra mim mesmo que não iria nunca mais pra um país fora do Brasil .	Contêiner
3.4	(02:52:05) André Basbaum: E aquela cena que a gente pegou ontem dos ladrões sendo enrolados na... Datena: enfaixados e com uma batata na boca. André Basbaum: nossa... eu nunca vi uma cena daquela. Datena: também não. Se é aqui no Brasil , os Direitos Humanos vão atrás dos caras.	Contêiner

Quadro 3: Exemplos de amostras com mapeamento metafórico.

O jornalista ressalta no seu discurso as opiniões de que o Brasil é um país onde as instituições públicas, responsáveis por administrar a segurança e saúde da população, são ineficientes e/ou incompetentes. A amostra 3.4, no quadro 3, refere-se a um caso em que suspeitos de um crime foram amarrados e amordaçados na rua por civis, e o jornalista aponta que, no Brasil, a preocupação seria em punir os civis, e não

o suposto criminoso. Esse enunciado tenta apontar uma suposta incompetência dos órgãos públicos brasileiros, pois a cena é enquadrada de uma perspectiva que mostra apenas o trabalho dos Direitos Humanos, enquanto oculta o da segurança pública. Esse framing esconde a ação da polícia na cena, deixando o ouvinte entender que a preocupação dos órgãos públicos, no Brasil, seria apenas aquela que remete aos Direitos Humanos: investigar os civis que amordaçaram os suspeitos, e ignorar a investigação do suspeito de crime que foi amordaçado. Ou seja, a partir desse enquadre, fica implícito de que no Brasil não haveria preocupação em investigar o crime, apenas de punir os civis e “proteger” o suposto criminoso.⁸

Diversas amostras remetem a outros países, ou a estrangeiros, como uma forma de comparação. A amostra 1.2 no quadro 3 é um exemplo em que um sujeito francês, que já morava no Brasil por sete anos, foi sequestrado. O jornalista constantemente retoma o Brasil no enquadre para salientar que estrangeiros não estão acostumados com a criminalidade. Na amostra 3.2 percebe-se algo similar, mas no âmbito da urbanização, em que o jornalista parece querer salientar que, no Brasil, não há um planejamento urbano satisfatório, e isso assustaria os gringos que vêm visitar o país, pois não estariam acostumados a ver cidades com muitos prédios.

Quanto às seis amostras de uso metonímico (quadro 4 para exemplos), a amostra 1.18 parece referenciar as instituições políticas, a amostra 1.23 à elite política brasileira, e a 2.7 é vaga, podendo ser entendida como herança cultural e política. O teor dos enunciados chama atenção por continuarem na mesma linha de crítica às instituições públicas. Os políticos no Brasil são enquadrados como folgados, ratos, que vivem em mansões, e contrastados com o cidadão. Esse enquadre coloca em perspectiva que o Brasil é um país de classes, mas não foca no contraste entre a elite e os trabalhadores, na verdade ele cria um embate entre a classe política e a classe trabalhadora, e esconde a elite econômica. A amostra 1.1 se destaca porque, embora pareça inicialmente se tratar de um mapeamento metafórico de contêiner, “Brasil” na verdade está metonimicamente pelos lares brasileiros que são, de fato, contêiners, o que justifica o uso da preposição “em”.

⁸ Uma crítica que acaba sendo irônica, pois, ao enquadrar a cena dessa maneira, o jornalista critica os Direitos Humanos deixando implícito que eles são incompetentes enquanto aponta a sua competência, já que eles estariam fazendo o trabalho deles, e os órgãos de segurança pública, não.

Nº	Amostra	Tipo
1.18	(02:27:18) num recesso parlamentar, que os parlamentares ficam 80 dias sem trabalhar no Brasil ... 80 dias sem fazer nada no Brasil .	NAÇÃO PELAS INSTITUIÇÕES
1.23	(03:03:42) Cê sabe o que eu tô pensando? Tem tantos ratos do Brasil , alguns que a gente elege, moram em mansões... e tem cidadão humilde, de bem, trabalhador, que procura sobreviver, que vive como rato.	subespecificada
2.7	(02:07:55) Como Portugal é uma extensão do Brasil ; o Brasil , uma extensão de Portugal, porque eles nos descobriram, não é? Então, vou ter o maior prazer de viajar para Portugal	NAÇÃO PELA CULTURA E HISTÓRIA
6.6	(02:14:00) Não pode ficar só na conversa, tem que ser repellido, tem que ter ação e tem que ter principalmente solidariedade entre os poderes constituídos pra não permitir que o PCC mande no estado e mande no Brasil . O senhor já recebe esse apoio diretamente?	subespecificada
1.1	(00:00:38) E daqui a pouquinho, aquela chamadinha do Faustão, que já tem tapete vermelho para o Faustão, aqui, e, com certeza, em todo o Brasil , para receber o melhor apresentador da televisão brasileira é da Band	BRASIL PELOS LARES BRASILEIROS

Quadro 4: Amostras de uso metonímico.

Os 13 casos de metaftonímia (exemplos no quadro 5) se separam em 11 metonímias dentro de metáfora e 2 metáforas advindas de metonímia. Estes últimos são casos em que os domínios-fonte e alvo podem ser vistos como um domínio contíguo, e observou-se nas amostras 2.2 e 2.11, com o mesmo mapeamento: amostra 2.2 “(00:00:43) Ó o Neto entrando de Peppa, daqui a pouco. Primeiro o recado, depois o Neto entrando de Peppa. É primeiro lugar do Twitter do Brasil” e amostra 2.11 “(02:37:05) O Twitter, ele é rotativo. Mas o Neto ficou três horas em primeiro lugar no Brasil. — Olha, três horas em primeiro lugar o Neto vestido de Pepa no Twitter.”, em que LUGAR VIRTUAL É LUGAR FÍSICO. Trata-se de uma metáfora, pois são dois domínios distintos, mas com uma correlação forte entre si, o que permite que sejam entendidos como contíguos: o "lugar virtual" equivale aos computadores que se encontram no lugar físico. Os demais casos foram de metonímia dentro da metáfora, ocorrendo em dois tipos de metáfora: personificação e corpo humano.

Nº	Amostra	Tipo
1.15	(01:44:32) Esses caras que roubaram BILHÕES do Brasil tão todos livres!!! Que país é esse, ô véio? O Cazuza estava certo, tua piscina está cheia de ratos.	<u>Metáfora</u> Personificação; Brasil é vítima de crime. <u>Metonímia</u> subespecificada.
1.17	(02:07:20) Fora isso, quebraram todo mundo e o Brasil que mata de fome mais não sei quantas pessoas que não têm trabalho, que não tem condição de pagar arroz feijão, esse presidente da Petrobras aumenta toda hora o óleo diesel, a inflação aumenta, o dinheiro é corroído pelo dólar, o Paulo Guedes acha que nós vivemos nos Estados Unidos, é tudo dolarizado ninguém come e é só no nosso, Latino.	<u>Metáfora</u> Personificação; Brasil é autor de crime. <u>Metonímia</u> subespecificada.
1.6	(00:33:52) Tem um monte de político que roubou pra caramba o Brasil e tá todo mundo anistiado porque o Moro julgou mal o caso lá do presidente Lula, tá todo mundo anistiado, algumas investigações seríssimas e positivas e fantásticas da Polícia Federal foram jogadas por água abaixo pelo péssimo julgamento que o Moro fez do presidente Lula, ficou todo mundo anistiado, e de repente as leis que eles fazem lá em Brasília é pra favorecer esse tipo de gente e bandidos da pior qualidade.	<u>Metáfora</u> Personificação; Brasil é vítima de crime. <u>Metonímia</u> subespecificada.
6.5	(01:55:50) Ou para ou corta esse câncer agora, ou esses caras vão tomar conta do Brasil , velho!	<u>Metáfora</u> NAÇÃO É CORPO HUMANO <u>Metonímia</u> subespecificada.

Quadro 5: Amostras de uso metaftonímico.

Dentre os casos de metaftonímia, mostra-se difícil decidir qual conceito está sendo acessado pelo veículo. Nos casos em que o assunto é corrupção, “Brasil” pode referir-se ao erário ou aos habitantes. O uso da metáfora de personificação pode fortalecer uma inferência de que o conceito-alvo da metonímia refere-se às pessoas do país. Nesse sentido, como os enunciados enfatizam que os políticos roubaram o Brasil, e uma pessoa não pode roubar a si mesma, infere-se que “Brasil” refere-se às pessoas da nação, excluindo os políticos. Na amostra 1.17, há fortes evidências de que “Brasil” refere-se aos políticos, pois ele está personificado como alguém que tem poder sobre a vida das pessoas. Além disso, o enunciado como um todo está fazendo críticas a outras áreas da esfera da administração pública.

É interessante perceber o uso do verbo “roubar” para falar de corrupção, pois ele ajuda a enquadrar a cena e identificar a conceitualização de “Brasil”. Da maneira como as cenas estão enquadradas, temos o Brasil como uma vítima de um roubo, e os políticos como agentes do roubo. Lakoff e Johnson (2003) ressaltam que a metáfora de personificação não é meramente uma metáfora de “X É PESSOA”, mas algo mais

específico. Com isso em mente, nos vários enunciados em que temos o "Brasil" personificado como alguém que foi roubado pela classe política, temos uma metáfora em que BRASIL É UMA VÍTIMA DE CRIME. Essa metáfora parece ter um efeito argumentativo forte pois individualiza as consequências da corrupção para o telespectador: o Brasil, do qual o telespectador faz parte, foi roubado por ladrões, os políticos, assim como uma pessoa pode ser roubada na rua.

Por outro lado, no caso da amostra 1.17, Brasil não é vítima; é o criminoso. Em o Brasil mata (seus habitantes) de fome, a cena é enquadrada de maneira que o Brasil, que é entendido como o responsável por alimentar seus habitantes, está ativamente matando-as por negligenciar suas obrigações. Pode-se supor, também, que essa metáfora vem de um acarretamento de uma outra metáfora, altamente convencional, de que NAÇÃO É FAMÍLIA, em que o governo é mapeado como os pais/guardiões, e os habitantes como os filhos. Essa suposição parte da escolha de uso do verbo "matar" ao invés de "deixar morrer", pois só **mata de fome** quem tem a **obrigação** de prover alimento.

Por fim, a amostra 6.5 mostra um caso em que o país é conceitualizado como corpo humano, e o crime organizado é um câncer que está tentando tomar conta deste corpo. A metáfora do câncer para falar de crime organizado é particularmente interessante porque as células cancerígenas são células que costumavam ser partes do corpo, mas que passaram a valorizar mais a sua própria existência do que a do corpo, multiplicando-se indefinidamente e recusando-se a morrer. À medida que elas se multiplicam e ocupam mais partes do corpo, mais difícil torna-se a sobrevivência do corpo. A sugestão do apresentador, seria, então, "cortar fora" o câncer antes que ele possa se multiplicar e realizar mais estrago. A partir disso, nesse enunciado, o conceito-alvo da metonímia "Brasil" parece incluir todos os habitantes, exceto os membros do crime organizado.

6. Análise e discussão

De modo geral, os enunciados encontrados corroboram a H1 de que "Brasil" é enquadrado de maneira negativa, especialmente em se tratando dos órgãos públicos. Sendo coerente com a temática policial do programa, as críticas mais frequentes se dão na área da segurança pública, mas nunca são direcionadas ao trabalho policial e, sim, aos governantes e às leis do país. Inclusive, dentre os órgãos públicos que são

mencionados pelo apresentador, a polícia foi o único que recebeu elogios (“[...] algumas investigações seríssimas e positivas e fantásticas da Polícia Federal foram jogadas por água abaixo [...]”, amostra 1.6). Apesar disso, o país ainda é exaltado como destino turístico, pois o apresentador afirma ter feito uma promessa de não viajar para fora do Brasil antes de conhecer o país todo, mas abre uma exceção para Portugal que “é uma extensão do Brasil” (amostra 2.7).

Em diversos momentos, o Brasil é contrastado diretamente com outros países (exemplos no quadro 6). Em uma reportagem sobre o sequestro de um engenheiro francês, o jornalista enfatiza constantemente que a vítima teria sofrido um suposto choque por não estar acostumado com a criminalidade do Brasil, por ter nascido na França. Ainda dentro do assunto segurança pública, o apresentador compara o país com outros que supostamente possuem leis mais severas, com prisão perpétua já em primeira instância, enquanto no Brasil, os criminosos seriam anistiados mesmo depois de passarem por diversas instâncias. Além disso, o Brasil é retratado como um país com planejamento urbano tão mal executado que assustaria os estrangeiros.

Nº	Amostra
1.2	(00:04:30) Um engenheiro Francês foi sequestrado pela quadrilha do Pix. Tem tanta quadrilha do pix aqui em São Paulo e no Brasil, e essa história do Pix já proporcionou gente sendo sequestrada (o sequestro já tinha desaparecido, agora voltou, inclusive o sequestro de levar o cara para cativo, apanhar muito, sofrer tortura psicológica e tudo mais) mas tão sequestrando tanta gente que até um francês foi sequestrado.
3.2	(01:45:00) Pra quem não tá acostumado a viajar pra fora do Brasil, é muito difícil você ver tanto prédio assim em qualquer cidade do mundo. Os gringos, quando chegam aqui e vê esse monte de prédio, ficam assustados.
4.5	(01:47:00) Há países em que, em 1ª instância, o cara já vai pra cadeia e toma perpétua ou toma pena brava. Aqui, não, aqui é 2ª, 3ª, 4ª, conseguiu-se a 2ª instância, de repente acabou-se com a 2ª instância, se eliminou a 2ª instância. Um bando de vagabundo veio pra rua. O que facilita para o bandido dizer “olha, tanto faz eu matar, eu barbarizar, porque daqui a pouco eu vou tá na rua de novo”. A mesma coisa pra político ladrão. Que vai continuar roubando o Brasil. Um monte desses políticos ladrões que hoje a gente não pode chamar de ladrões porque foram praticamente anistiados pela justiça brasileira por causa das leis do nosso Congresso Nacional que o Brasil foi roubado. É justo isso? o cara roubar bilhões do Brasil? [...] É justo você ficar com o nome sujo na praça e esses caras que vêm roubando o Brasil há tanto tempo com o nome limpo na praça?

Quadro 6: Exemplos em que o Brasil é contrastado com outros países.

Em relação à H2, o caso de “Brasil” enquanto metonímia subespecificada não foi o mais prevalente, mas o uso metafórico enquanto contêiner. Todavia, notou-se que,

dentre os casos de metonímia, incluindo aqueles em que ela interage com a metáfora, o tipo mais frequente foi o subespecificado.

Outro dado interessante foi a alta frequência da conceitualização de Brasil como uma pessoa. Em alguns momentos, Brasil é personificado como uma vítima, uma pessoa desamparada, às vezes vítima de caça, como uma presa indefesa, às vezes vítima de crime. Em outros momentos, Brasil é personificado como o autor de um crime, que mata seus cidadãos de fome. Quando “Brasil” é vítima de crime, a metonímia parece incluir os habitantes e excluir os criminosos (em contexto de violência urbana) ou políticos (em contexto de corrupção); quando “Brasil” é autor de crime, a metonímia parece excluir os habitantes e referir-se aos políticos. A construção de “Brasil” enquanto vítima é trabalhada nos outros enunciados do apresentador quando se refere ao cidadão brasileiro: ele é pobre (amostra 4.5) sofre de fome e de falta de emprego (amostras 1.10 e 1.17), vive como um rato (amostra 1.23), e convive com a falta de segurança pública (amostras 1.4, 1.5, 1.10, etc.).

O Brasil ser enquadrado como um país inferior aos outros parece ser um argumento de suporte para defender uma tese maior: a de que o governo e suas instituições públicas são ineficientes, incompetentes, e principalmente corruptas, exceto a polícia. A inferioridade de “Brasil”, na fala do jornalista, não parece ser uma característica inerente da nação, visto que ele ressalta os cidadãos honestos à procura de emprego e os pontos turísticos mais lindos do mundo (amostra 2.8), mas ele se torna inferior por causa da má administração pública. Além disso, outro argumento sustentado pelo apresentador é de que precisamos de leis mais severas (amostras 1.6, 1.7, 1.11, 1.21, 5.2, 6.3) e mais preocupação em encarceramento de criminosos (amostra 3.4).

Outra metáfora que foi encontrada, embora em apenas um programa da amostra, para conceitualizar “Brasil” foi a de corpo humano. Essa metáfora já foi apontada por Musolff (2012), descrita por ele como “A NATION STATE IS A HUMAN BODY”, como uma maneira comum de conceitualizar nações, que possui os seguintes acarretamentos: um Estado-nação pode ficar doente, essa doença pode ser específica (câncer, por exemplo), ele pode precisar de tratamento, essa doença pode ser efeito de certos agentes como parasitas que se alimentam do “corpo” da nação. Para o autor, esse mapeamento tem um poder argumentativo forte para desqualificar certos grupos como uma ameaça para a existência do país. No caso dos enunciados do Brasil Urgente, o crime organizado está sendo mapeado como o câncer que está tentando tomar conta

do Brasil (amostra 6.5). Esse mapeamento também acarreta a importância e a urgência de que haja um tratamento rígido que elimine completamente os agentes da doença.

Em relação às metonímias utilizadas pelo apresentador, em muitos casos conseguimos identificar que são do tipo PARTE PELA PARTE, mas não conseguimos apontar o referente específico, ou seja, o conceito-alvo da metonímia é vago e difícil de identificar. É possível que a escolha, consciente ou não, do veículo seja feita para apontar a mais de um referente ao mesmo tempo, para fazer uma generalização, ou que seja uma maneira de incluir todos os telespectadores em um mesmo grupo homogêneo. Pode ser o caso, também, que o apresentador queira salvar sua face ao não apontar um responsável específico em suas críticas.

Para pesquisas futuras, mostra-se interessante investigar a compreensão do telespectador em relação aos usos metonímicos de “Brasil”. Assim, poderia ser feito um comparativo entre as possíveis intenções do jornalista com as respostas da audiência.

7. Conclusão

É comum que se fale do Brasil com um tom de pessimismo e inferioridade comparado a outros países, fenômeno que neste estudo é caracterizado como “síndrome de vira-lata”, um conhecido jargão cunhado por Nelson Rodrigues. Esse discurso é retroalimentado nos meios públicos de discussão, passando pela mídia, pelo povo, pelo jornalismo, pelas esferas públicas, tornando-se parte de um frame mais prototípico de “Brasil”. O programa Brasil Urgente, um dos programas jornalísticos policiais mais conhecidos do país, cujo apresentador já foi até lançado como candidato a prefeito de São Paulo, mostrou-se um exemplo de mídia que enquadra “Brasil” de maneira negativa em seu discurso.

Observou-se que, no programa, “Brasil” é entendido como um país onde as leis não são severas o suficiente, e os parlamentares não têm interesse em agravar as leis porque isso os colocaria em risco, já que seriam igualmente criminosos.

A figura 2 exemplifica uma rede de conceitos que constroem o frame de Brasil no corpus coletado do Brasil Urgente neste trabalho. As linhas ligadas a Brasil são conceitos evocados pelos contextos das falas do apresentador, enquanto as linhas tracejadas ligam esses conceitos entre si.

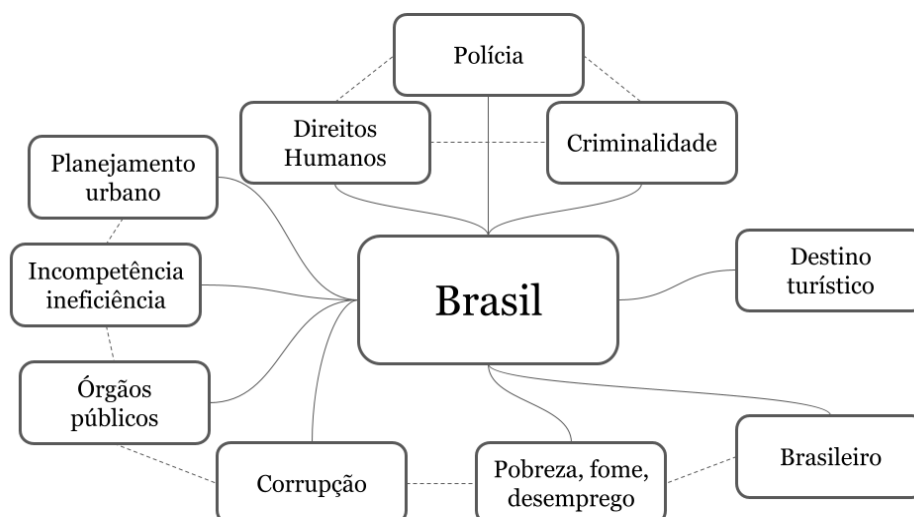


Figura 2 — Frame de Brasil de acordo com o corpus coletado do Brasil Urgente
Fonte: elaboração própria.

Direitos Humanos, polícia e criminalidade se agrupam, a medida que o apresentador critica o papel dos Direitos Humanos em ações policiais relativas à criminalidade. O planejamento urbano do país seria ineficiente comparado ao dos outros países pela quantidade de prédios, os órgãos públicos seriam ineficientes e com muita corrupção, o que influenciaria a pobreza, fome e desemprego do cidadão brasileiro. Note que, apesar da polícia ser um órgão público, elas não estão ligadas, pois o apresentador separa esses conceitos, às vezes os colocando como antagonistas: os órgãos públicos atrapalhariam o trabalho policial.

O enquadramento de “Brasil” também é figurado, fazendo uso de metaftonímias e metonímias para conceitualizar a nação como uma pessoa, especificamente com uma metáfora de personificação BRASIL É VÍTIMA. É incerto quais aspectos relacionados a Brasil estão sendo conceitualizados como vítima, mas no decorrer do discurso do apresentador, podemos notar uma construção do cidadão brasileiro como alguém desamparado, com fome, que busca emprego, o que aponta para uma possível interpretação de que o “Brasil” que é um veículo para os habitantes do país. Isso colabora com os demais enunciados do apresentador que contrastam a classe política e os cidadãos pobres do país, como se “a luta de classes” não fosse entre a elite e o povo, mas entre o governo e o povo.

Há também casos, embora mais raros, em que a personificação de “Brasil” refere-se ao autor de um crime, que mata seus habitantes de fome. Nesse caso, entende-se que “Brasil” refere-se ao governo, que teria a obrigação de fornecer emprego e comida aos seus habitantes e que, ao deixá-los morrer de fome, estaria

descumprindo seus deveres e ativamente matando-os. Pode-se argumentar que essa interpretação é apoiada pela metáfora conceitual NAÇÃO É FAMÍLIA, em que os governadores são mapeados como os pais, e os habitantes como os filhos, como já descrito por Lakoff (2016).

Por fim, “Brasil” também é conceitualizado como um corpo humano acometido por um câncer, o crime organizado. Esse mapeamento fortalece o argumento de que o país precisa passar por uma terapia que elimine completamente essa ameaça ao funcionamento do corpo.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, C. M. O Brasil lê mal. *Veja*: São Paulo, 6 mar. 2002, Ponto de vista, p. 20. Disponível em: <https://unipdireito.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/o-brasil-le3aa-mal.pdf> Acesso em: 05 ago. 2024.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd. 2006.
- FILLMORE, C. J. Semântica de Frames. In: SIQUEIRA, M. (org.) *Cadernos de Tradução: Linguística Cognitiva*, nº 25, jul/dez, Porto Alegre, p 25 - 54, 2009.
- GIBBS, R. W.; COLSTON, H. L. *Interpreting Figurative Meaning*. New York: Cambridge University Press. 2012.
- GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 - 3, p. 323 - 340, 1990.
- IBÁÑEZ, F. J. R. de Mendoza; CAMPO, J. L. O. *Metonymy, Grammar, and Communication*. Albolote: Editorial Comares. Colección Estudios de Lengua Inglesa, v. 7, 2002. 167 p.
- LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G. *The Political Mind: A Cognitive Scientist's Guide to Your Brain and Its Politics*. London: Penguin Books, 2008.
- LAKOFF, G. *The All New Don't Think of an Elephant! Know Your Values and Frame the Debate*. Unabridged. United States: Chelsea Green Publishing. 2014, 168 p.

LAKOFF, G. *Moral Politics. How Liberals and Conservatives Think*. 3rd edition. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

MUSOLFF, A. *Metaphor, Nation and the Holocaust. The Concept of the Body Politic*. London: Routledge. 2010.

MUSOLFF, A. The study of metaphor as part of critical discourse analysis. *Critical Discourse Studies*, v. 9, n 3, p. 301-310, 2012.

Moraes afirma que não há democracia sem respeito à imprensa, às eleições livres e ao Poder Judiciário. **G1**, 29 jun 2022. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/29/moraes-afirma-que-nao-ha-democracia-sem-repeito-a-imprensa-as-eleicoes-livres-e-ao-poder-judiciario.ghtml>. Acesso em: 12 fev 2022.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In PANTHER, U.; RADDEN, G. (eds.) *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17–59, 1999

VEREZA, S. “Metáfora é que nem...”: Cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.

WICKE, P.; BOLOGNESI, M. M. Framing COVID-19: How we conceptualize and discuss the pandemic on Twitter. *PLoS ONE*, v. 15, n. 9, 2020.